o verde-oliva

Centro de Comunicação
Social do Exército
Brasília, Dez/81 – nº 69

13 de dezembro

DIA DO MARINHEIRO

2ª Divisão de Levantamento

Foram inauguradas, no dia 05 de outubro, as novas instalações da 2ª Divisão de Levantamento, Organização Militar subordinada à Diretoria de Serviço Geográfico – DSG.

À solenidade compareceram o Chefe do Departamento de Engenharia e Comunicações Gen Ex Heitor Furtado Arnizaut de Mattos, o Secretário Geral da Secretaria de Planejamento da Presidência da República, Dr. José Flávio Pécora, inúmeros Oficiais-Generais e convidados especiais, o que demonstrou, mais uma vez, o apoio constante que é dado ao desenvolvimento dos trabalhos cartográficos, atividade de real significado para o Exército e para o Brasil.

A programação constou de formatura geral, canto da Canção do Exército, placa alusiva ao evento, inauguração de um Relógio de Sol, bênção das instalações e de um Santuário de Santa Terezinha – Padroeira da DL, visita às instalações e coquetel.

Com esse evento, completa-se o planejamento do Diretor do Serviço Geográfico – Gen Bda Aristides Barreto, de reestruturar a DSG, não só dotando as suas OM de modernos equipamentos, de forma que elas possam executar todas as fases da elaboração de uma carta, como vem ocorrendo, e também, reformulando as áreas de atuação das DL, obtendo, assim, um já comprovado sistema operacional, de custos bem mais reduzidos.

Assim, está a DSG presente em todo o território nacional, através das cinco Divisões de Levantamento, apoiando, mais efetivamente, todas as Regiões Militares:

1ª DL – Porto Alegre
III Exército
2ª DL – Brasília
CMP e 11ª RM
3ª DL – Olinda
IV Exército
4ª DL – Manaus
CMA
5ª DL – Rio de Janeiro
I Exército e 2ª RM

Além dos trabalhos do mapeamento sistemático, está executando, também, outros especiais, mediante convênios, tais como:
demarcação de terras indígenas-FUNAI; cooperação com o GETAT, através de fiscalização de trabalhos executados por empresas especializadas; elaboração de cartas – imagens Landsat-INPE; elaboração de cartas – imagens radar, preliminares e completas-RADAM-BRASIL.

Para o Exército, razão principal da sua existência, continua a executar levantamentos de áreas patrimoniais e, no momento, desenvolve intensa atividade, visando a equipar a Força Terrestre de cartas especiais e temáticas, de emprego específico. São elas: Cartas de Transitabilidade de Veículos Blindados, Cartas de Hidrografia, Cartas de Pontos de Água e Águas Subterrâneas, Cartas de Orientação e Cartas Tipo Militar.

Desse modo, continua a DSG a executar os documentos cartográficos necessários ao desenvolvimento e à segurança do País, como vem fazendo, pioneiramente, há quase um século.

Material de Saúde de Campanha

Nestes últimos cinco anos a Diretoria de Saúde, desenvolvendo estudos iniciados em 1972, conseguiu interessar a indústria privada brasileira do ramo na fabricação de Material de Saúde de Campanha.

Assim, após a produção de protótipos em 1977/1978 e a realização de vários testes, a Diretoria passou a distribuir esse material, 100% nacional e destinado aos 1º e 2º Escalões Funcionais do Serviço de Saúde, tornando o Exército Brasileiro independente das importações desses artigos.

Entram, agora, em fase de planejamento, os materiais de 3º e 4º Escalões.

É evidente que ninguém pode pensar em um exército operacional, se este for dependente da importação de suprimentos de que vai necessitar para treinamento e emprego. O Exército, dessa maneira, vem seguindo a política governamental de alcançar auto-suficiência na produção de artigos médicos e, em especial, os de uso em operação.

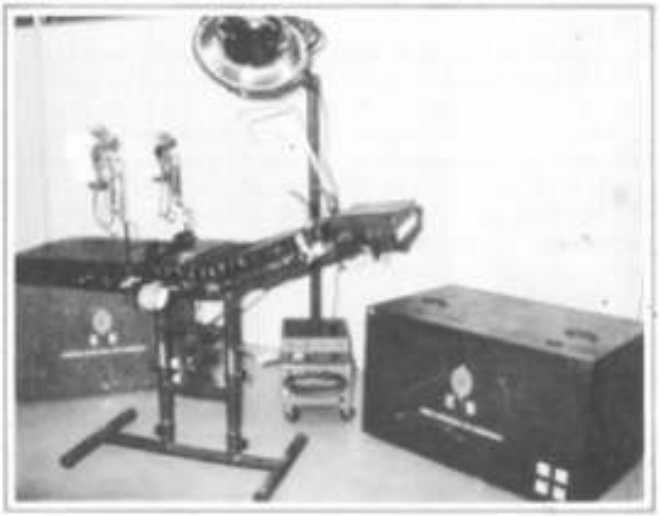
Um dos problemas fundamentais em campanha é a substituição de artigos e isso já foi obtido para esses dois Escalões, equivalentes aos níveis Unidades e Brigada/Divisão.

Houve, também, a preocupação em adotar, na escolha dos itens uma apreciável percentagem de artigos que são os mesmos usados em tempo de paz. Assim, as ataduras e os esparadrapos não camuflados, são os mesmos do uso diário, podendo ser facilmente substituídos, sem desfalques ou prejuízo para o Material de Campanha, nem retardo em sua reposição. Da mesma forma, os medicamentos usados, sendo nacionais, são facilmente recompletados. Estes dois dados permitem concluir que a utilização desses equipamentos e suprimentos serão feitos, com maior flexibilidade, nas instruções da tropa.

Por outro lado, deve ser observado que esse material, cujas características chegam a suplantar similares estrangeiros, tem condições de ser empregado, descaracterizado dos símbolos e distintivos militares, nas necessidades das Secretarias de Saúde dos Estados da Federação, nos grandes serviços como INAMPS e outros, no atendimento de populações rurais, nas ACISO, ou semelhantes, e nas calamidades públicas, com economia, facilidade de transporte, instalação e operação que o material convencional não permitiria.

Para alegria nossa, esse material, exposto no Brasil, ou no exterior (Lagos-Nigéria; Bagdá - Iraque) e, futuramente, em outros países, tem despertado interesse e, será, a curto prazo, uma fonte de recursos oriundos de sua exportação.

Porém, o mais importante, é o entusiasmo que desperta. É o fato de ser produzido, usado e apreciado por nós brasileiros.



Flotilha do Amazonas

De projeto inteiramente nacional, os Navios Patrulha Fluvial (NaPaFlu) da classe "Pedro Teixeira", construídos pelo Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, e os da classe "Roraima", por estaleiro particular, são destinados especificamente a operações fluviais e bem representam o elevado padrão tecnológico atingido pela nossa indústria de construção naval. Com o seu calado reduzido, tem, o NaPaFlu, atingido pontos limítrofes dos afluentes do Amazonas, até então nunca alcançados por um navio de guerra, intensificando as atividades da Marinha naquela região. O "Pedro Teixeira" e o "Raposo Tavares", com sessenta e dois metros de comprimento, possuem, entre outras características, as seguintes peculiaridades que atestam a utilidade com que são empregados: atuando como posto-médico volante, dispõem para isso, de consultório médico, consultório dentário e enfermaria; em situação de emergência, seus motores poderão fornecer energia elétrica a uma pequena cidade; são, ainda, dotados de helicópteros, o que lhes permitem a realização de coberturas mais amplas em missões de patrulha, assim como, rápido acesso às populações ribeirinhas no atendimento de eventuais pedidos de socorro. Os da classe "Roraima", com seus quarenta e cinco metros de comprimento, complementam os serviços prestados por aqueles de maior porte, em virtude de seu poder de penetração às vias menos acessíveis, a navios maiores, dispondo de lanchas aparelhadas para os mais variados serviços de patrulha fluvial, levantamentos hidrográficos e transporte de pessoal e carga. Os serviços desempenhados pelos navios da Flotilha do Amazonas, subordinados ao Comando do Quarto Distrito Naval, com sede em Belém, Pará, têm grande significação para a Região, inclusive, no apoio que prestam a outros órgãos da administração pública, utilizando sua principal via de comunicação, a fluvial, operando de maneira relevante para o desenvolvimento e a segurança da Amazônia.

No patrulhamento foi intensificada a freqüência das viagens e prolongada a penetração nos afluentes até os pontos que impedem o acesso das corvetas pela falta de profundidade ou largura dos rios, ou então pela existência de saltos, corredeiras, etc.

Na assistência às populações ribeirinhas foi sensível a ampliação dos serviços prestados em face da estreita colaboração com os órgãos federais, estaduais e municipais, além das sociedades filantrópicas civis e religiosas. Por dever de justiça, cabe ressaltar os inúmeros serviços prestados e recebidos das outras duas forças irmãs, o Exército e a Aeronáutica.

Hoje na Amazônia a Marinha do Brasil, através da Flotilha do Amazonas, da Base Naval de Val-de-Cães, do Centro de Instrução Almirante Braz de Aguiar e do Serviço de Sinalização Náutica do Norte, está integrada num programa intenso de valorização da Amazônia, sem esquecer o cumprimento de sua missão básica, procurando dar o melhor de seus esforços em prol do progresso nacional.

(Colaboração do Serviço de Relações Públicas da Marinha)

Reaparelha

O Projeto Corveta, destinado a promover a renovação da Arm
e a acelerar o processo de nacionalização da construção de be
ves no país, é de primeira prioridade e deverá estar concluído
prazo de dez anos.

A urgência do projeto é decorrente da decisão da Marinh
Brasil de não mais comprar unidades navais no exterior, na me
em que os estaleiros nacionais forem se adaptando e se equip
para atender suas encomendas.

Além do ponto de vista da segurança, o Projeto Corveta en
aspectos tecnológicos e interessa ao setor privado, devendo ser
vidados a participar dele empresas nacionais de consultoria e e
nharia e estaleiros particulares de médio porte.

O Projeto Corveta faz parte da segunda etapa do plano de re
relhamento dos meios flutuantes da Marinha, que envolve a con
ção de doze corvetas, a encomenda de mais três submarinos em
que se disponha a construí-los no Brasil, transferindo tecnologia
que outros possam ser feitos aqui, e a compra de mais seis varre
(três dos quais caça-minas).

Índice de Nacionalização

A primeira corveta terá um índice de nacionalização de 50
última das doze previstas, de 80%, incluindo os helicópteros
porados a cada uma delas. Após o teste do protótipo, o Arsen
Marinha poderá dar seqüência ao programa com duas corveta
carreiras de construção e outras duas em posição de acabam
Os estaleiros particulares nacionais de médio porte serão entã
vidados a participar do projeto.

Um navio de guerra caracteriza-se pela compactação de tec
gia, sendo sua construção muito mais sofisticada e exigente
de um grande petroleiro ou graneleiro. Uma corveta de 2 mil to
das, representa o trabalho de 3 milhões de homens/hora, enq
um cargueiro do tipo SD-14, de 14 mil toneladas, correspo
força de trabalho de 500 mil homens/hora.

Apesar do investimento ser elevado, é essencial para que o
não mais dependa da importação de peças de reposição, fator
segurança nacional e para que a indústria brasileira de equipam

receba incentivos de modernização de tecnologia para a const
de canhões, sensores, etc.

Do planejamento do Projeto Corveta consta a possibilidade
plantação de um programa correlato de exportações (uma das
embarcações em linha de montagem seria destinada a exportaç

nento da Marinha do Brasil

O Projeto Corveta

A compra de submarinos, constante da segunda prioridade do plano de reaparelhamento dos meios flutuantes, mediante o compromisso de transferência de tecnologia pelo país vendedor, deverá ter definições posteriores ao início do Projeto Corveta, que fabricará embarcações menos dispendiosas em combustível que as atualmente em uso. Os sistemas de propulsão e armamento já estão definidos. Entre as versões "escolta" e "patrulha", a primeira foi a escolhida.

O plano de renovação da Armada com a nacionalização de nossos meios flutuantes vem sendo desenvolvido e no dia 18 de setembro, o Ministro da Marinha, Alte Esq Maximiano Eduardo da Silva Fonseca, bateu a quilha do Navio-Escola "Brasil", já em plena construção pelo Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, aproveitando a tecnologia já assimilada com as Fragatas "Independência" e "União". Sua prontificação está prevista para 1985, quando este navio substituirá o Navio-Escola "Custódio de Mello" em suas viagens de instrução.

Plano de Reaparelhamento

A modificação do projeto original das fragatas foi pautada na necessidade de prover a Marinha do Brasil de um navio-escola eficiente, com índice máximo de nacionalização, além do reduzido custo, tanto inicial como operacional. Dentro desses princípios, procurou-se desenvolver o projeto de modo a que essa unidade propiciasse a 200 alunos, instrução prática de Navegação, Armamento, Comunicações, Máquinas e Operações em complementação ao ensino curricular da Escola Naval.

O plano de reaparelhamento dos meios flutuantes da Marinha do Brasil, vem dos anos 60.

A Defesa de Pontos Estratégicos

Diante da imensa costa marítima do país, numa emergência, levando-se em conta o avanço tecnológico e disponibilidade de outros países, sérios esforços teriam de ser feitos pelo nosso pessoal para que a defesa de pontos estratégicos pudesse lograr êxito.

Quando a Corveta – protótipo (primeira da série, cujo teste servirá de base para a construção das demais) estiver pronta nosso contratorpedeiro mais novo já terá quarenta anos de uso e alguns dos mais antigos terão dado baixa, apesar do meticuloso e quase milagroso serviço de conservação que os mantém em perfeito funcionamento até hoje.

Fortalecimento da Indústria Nacional

A primeira etapa teve seus contratos assinados em 1970. Na ocasião foi encomendada a construção de quatro fragatas na Inglaterra e de duas no Arsenal do Rio, já com a garantia de nacionalização gradativa de componentes e equipamentos e transferência de tecnologia para a mão-de-obra brasileira, com o objetivo de fortalecer a indústria nacional e dar a saída para a construção de belonaves no País.

Nas condições então existentes, ainda não seria possível pensar na construção de submarinos e navios varredores de minas no Brasil. Diante da necessidade urgente de renovação da frota, foram encomendados, nessa etapa, três submersíveis na Inglaterra e a importação de seis varredores. Desta forma, o Humaitá, o Riachuelo e o Toneleros foram incorporados em substituição a cinco antigos submarinos desativados. Os varredores substituíram outros tantos da classe Javari.

Sistema de Sensores

Hoje, as seis modernas fragatas, já concluídas, dotadas de modernos sistemas de sensores (radares, sonares e receptores de emissões eletromagnéticas) para detecção de qualquer tipo de ameaça (mísseis, foguetes, torpedos, etc), podem antecipar-se e reagir com pronto poder de resposta. Para isso, dispõem também de três sistemas de computação a bordo, capacitados a apontar imediatamente o esquema de defesa a ser empregado. São equipados com helicópteros e lança-foguetes.

Substituição Vantajosa

Essas fragatas, apesar de menor tonelagem e poder de fogo individuais, substituem com vantagem os velhos cruzadores Barroso e Tamandaré, graças a maior flexibilidade e agilidade de movimentos, como também por serem em maior número.

Dessa maneira a Marinha do Brasil prossegue na firme determinação da nacionalização de nossos meios flutuantes.

(Colaboração do Serviço de Relações Públicas da Marinha)

ATUALIDADES

Protótipo da Mtr 9mm - URU

Já foi homologada pelo DEP, a aprovação do Centro Tecnológico do Exército referente à Avaliação Técnica do Protótipo da Metralhadora de Mão 9mm, URU, de fabricação da MEKANIKA INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA, com as seguintes características:

– regimes de tiro – automático e intermitente;
– capacidade do carregador – 30 cartuchos;
– dispositivo de segurança – registro e trava de queda.

Para a Avaliação Técnica foram realizados, no Campo de Provas da Marambaia os testes de funcionamento e manuseio, estabilidade da arma, desempenho, condições adversas, resistência, usura do cano, segurança, cumprindo o programa de provas para armas de guerra, com resultados julgados satisfatórios.

O Estado-Maior do Exército designará uma OM para realizar a Avaliação Operacional do Protótipo, conforme prescreve a IG 10-36 (Instruções Gerais para o Modelo Administrativo do Ciclo de Vida dos Materiais do Exército), em vigor desde 15 de junho de 1981.

4º BE Cmb mantém fluxo na MG-173

O 4º Batalhão de Engenharia de Combate (Itajubá-MG), nos últimos oito meses, manteve o fluxo de tráfego na rodovia MG-173, com a construção de uma ponte de equipagem Bailey, em Sapucaí-Mirim, em conseqüência da danificação da ponte permanente que existia naquele município.

O apoio prestado pelo Batalhão possibilitou o tráfego de aproximadamente 360.000 veículos, facilitando o escoamento agrícola da região e o fluxo de derivados de petróleo que, produzidos em São José dos Campos-SP, entram no Estado de Minas Gerais através da MG-173. Além disso, a rodovia é importante sob o ponto de vista turístico, já que é a ligação mais viável com Campos do Jordão e com o litoral norte de São Paulo (Caraguatatuba e Ubatuba).

A ponte construída foi denominada de "Theodomiro Santiago" em homenagem ao centenário de nascimento do fundador da Escola Federal de Engenharia de Itajubá.

Encerramento de cursos na EsMB

Em solenidade que contou com a presença do Diretor de Especialização e Extensão, Gen Div Vinicius Lemos Kruel, o Comando da Escola de Material Bélico realizou o encerramento dos cursos de extensão S. 5 – Mecânico de Viatura Blindada e S. 6 – Mecânico de Torre de Viatura Blindada. Concluíram os cursos 34 Sargentos, sendo um do Exército Colombiano e outro do Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha.

O Gen Kruel fez, na oportunidade, a entrega de um brinde ao graduado representante do Exército da Colômbia.

13º GAC tem novo material

O 13º Grupo de Artilharia de Campanha (Cachoeira do Sul-RS) recebeu 18 obuseiros de 155mm M114 A2, em substituição aos antigos M114 A1, e viaturas tratoras Mercedes-Benz.

Nos dias 13, 14 e 15 Out, o Grupo realizou o 1º exercício de tiro real com o novo material que apresentou excelente desempenho no campo, por sua rusticidade e precisão.

Comboio ferroviário do DRMM/2

Dentro da política de reequipamento do Departamento de Material Bélico, seguiu no dia 15 de outubro, com destino a Porto Alegre, um comboio com 22 vagões do tipo prancha, conduzindo 43 viaturas. São 36 viaturas TNE 5 ton Mercedes-Benz, destinadas aos Grupos de Artilharia de 155mm (13º e 16º GAC) de São Leopoldo e Cachoeira do Sul e 7 viaturas 1 1/2 ton EE-15, de fabricação da ENGESA, destinadas ao 3º B Com Ex, 6º B Com Div e 1ª DL. O comboio foi preparado com os recursos humanos do do DRMM/2 e custeado pela Diretoria de Transportes, em coordenação com o Comando da 2ª Região Militar.

2º BE Cnst no Araguaia

O 2º Batalhão de Engenharia de Construção (Teresina-PI), desde outubro de 1980, vem atuando na Região do Baixo Araguaia, mantendo no Município de São Geraldo do Araguaia-PA, o Destacamento Rodrigo Octávio, que presta inestimável ação cívico-social em bases pioneiras à população daquela área.

Mediante convênios firmados entre o 1º Grupamento de Engenharia de Construção com o Grupo Executivo de Terras do Araguaia-Tocantins (GETAT), com o Governo do Estado do Pará, e com a Cooperativa Habitacional (COHAB), a Unidade está construindo estradas, pontes, escolas, hospitais e casas populares no sul do Pará, além da ampliação e melhoramentos do aeroporto de Xambioá.

O Batalhão executa também importante Plano de Ação Comunitária com prestação de assistência médico-odontológica através de Postos Fixos e Volantes interiorizados nas selvas do sul do Pará.

Dia da criança no 1º RCGd

Como parte das comemorações do "Dia da Criança", o 1º Regimento de Cavalaria de Guardas-Dragões da Independência (Brasília-DF) foi visitado, no dia 14 Out, por cerca de 420 crianças da Escola Classe nº 2, da Ceilândia Sul.

Na oportunidade foi desenvolvida uma vasta programação constando de canto do Hino Nacional, passeio pelo Regimento, demonstrações da Banda de Música e de saltos sobre obstáculos. Encerrando a manhã recreativa foi distribuído lanche para a garotada.

Exercício de Força-Tarefa

Durante duas semanas, em terrenos da Fazenda Chapadão – Campinas, a 11ª Brigada de Infantaria Blindada realizou um exercício de Força-Tarefa, valor subunidade (1 Cia F Zo Bld + 1 Pel CC), com a participação de tropas do 4º BIB, 28º BIB, 2º RCC, 2º B Log e 2ª Cia Com.

Os carros de transporte de pessoal (M 113) realizaram transposição de curso d'água durante o transcorrer do ataque.

Contou o exercício também com o apoio de um Carro Lançador de Pontes para pequenas brechas.

Olimpíada da 2ª Bda C Mec

O 8º Regimento de Cavalaria Mecanizado – Regimento Conde de Porto Alegre (Uruguaiana-RS), mais uma vez sagrou-se vencedor da Olimpíada realizada pela 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada, tornando-se com esse feito tetra-campeão.

Na solenidade de encerramento, o 8º R C Mec, recebeu do Cmt 2ª Bda C Mec, Gen Bda Iris Lustosa de Oliveira, o Troféu Charrua.

IME

Instituto Militar de Engenharia

1. HISTÓRICO

O ensino de engenharia no Exército Brasileiro compreende duas fases.

A primeira estendeu-se de 1810, com a criação da Academia Real Militar, até 1918, quando as transformações ocorridas na estrutura do Exército provocaram uma interrupção provisória na formação de Engenheiros Militares.

A segunda, que se prolonga até o presente, teve início em 1928, com a criação da Escola de Engenharia Militar, denominação mudada, em 1934, para Escola Técnica do Exército.

Os primeiros cursos a funcionar nesta fase foram os de Armamento, Eletricidade, Química, e Fortificação e Construção.

Entre 1930 e 1940 foram implantados os Cursos de Transmissões, atualmente Comunicações, Engenharia de Aeronáutica, extinto quando da criação do Instituto Tecnológico da Aeronáutica, e Metalurgia, primeiro curso no Brasil destinado a formar engenheiros desta especialidade.

Logo a seguir, em 1941, a Escola incorporou o Curso de Engenheiros de Geodésia e Topografia, proveniente da extinta Escola de Geógrafos do Exército.

Em 1947 começou a funcionar o Curso de Mecânica e Automóvel, que se antecipou ao grande crescimento da indústria automobilística, ocorrido uma década depois.

O Curso de Engenharia Eletrônica, criado no início dos anos cinqüenta, completou o elenco de especialidade atualmente oferecidas aos alunos.

Em 1959 a Escola Técnica do Exército e o Instituto Militar de Tecnologia fundiram-se para dar origem ao Instituto Militar de Engenharia.

O IME é uma Organização Militar de Ensino Superior e Pesquisa, cuja atividade é exercida no campo da Engenharia, da Tecnologia e da Ciência.

Compete-lhe:

a. capacitar pessoal para exercer atividades científicas e tecnológicas através de cursos de graduação e programas de pós-graduação em diversos campos da engenharia;
b. ministrar estágios de atualização de natureza científico-tecnológica;
c. ministrar curso de especialização de análise de processamento de dados;
d. realizar pesquisas, e, eventualmente, desenvolvimento, dentro da programação aprovada pelo CTEx;
e. realizar ensaios e provas experimentais científico-tecnológicas, dentro de sua disponibilidade em recursos de material e de pessoal; e
f. formar Aspirantes-a-Oficial da 2ª Classe do Quadro de Material Bélico, para que, ao término dos cursos de graduação, sejam transferidos para o Quadro de Engenheiros Militares.

2. CURSOS SOB A RESPONSABILIDADE DO IME

O Instituto de Engenharia forma:

a. Em nível de graduação:
   Engenheiros, nas especialidades de:
   - Fortificação e Construção
   - Eletricidade

   - Eletrônica
   - Comunicações
   - Mecânica e Armamento
   - Mecânica e Automóvel
   - Química
   - Cartografia
   - Metalurgia

b. Em nível de pós-graduação:
   Mestres em Ciências nos programas de:
   - Transportes
   - Engenharia Elétrica
   - Engenharia Mecânica
   - Química
   - Engenharia Nuclear
   - Ciências dos Materiais
   - Engenharia de Sistemas

   Doutores em Ciências nos programas de:
   - Química
   - Ciência dos Materiais

c. Em nível de especialização:
   Analistas de Processamento de Dados
d. Em nível de formação de Oficiais da Reserva:
   Aspirantes-a-Oficial da Reserva de 2ª Classe do Quadro de Material Bélico.

Além desses cursos, ministra anualmente, estágios de atualização de natureza técnico-científica.

Impresso na EMATER-GO